

Promessa e terapia*

Francisco Moacir de Melo Catunda Martins**

RESUMO

O objeto do presente trabalho é analisar as relações entre o ato de prometer e o campo clínico, por meio de observações acerca de algumas estruturas clínicas. É, inicialmente, mostrado que a promessa pertence ao universo mais global do humano. A seguir, é acentuado que o prometer encontra-se presente de forma implícita ou explícita na atividade clínica diária, por meio do contrato terapêutico. As posições acerca do ato de prometer são apontadas e analisadas sucintamente, em correlação com a clínica psicopatológica.

Palavras-chave: Psicoterapia; Atos de fala; Promessa; Contrato terapêutico.

CONFIDENCIALIDADE, PRESENÇA E PROMESSA

No epicentro gerador do campo da clínica moderna e antiga encontramos a necessidade de uma estrita relação de confiança para fundar as profissões que se efetivam junto aos sujeitos que solicitam cuidados, fazendo jus ao termo clínica. Todos os profissionais do encontro pessoal, estabelecido sob um contrato de confiança, se interessarão pela confidencialidade de tudo aquilo que a move. A confiança implica que algo está confinado, mesmo que tenha ganhado um novo espaço onde se possam fazer elaborações ou ela possa somente ser escutada. A confiança visa resguardar os segredos que os pacientes guardam dos outros, e mais incrível ainda, deles mesmos, já que a consciência não tem esta qualidade da continuidade nem do saber absoluto. As confidências e os segredos estão, assim, no fundamento da clínica. A relevância desta temática nos pareceu tão cristalina que realizamos um simpósio em 1998, já tocando neste tema. Naquela ocasião, escutamos do Dr. Jean Florence acerca do segredo:

• Texto recebido em fevereiro de 2003 e aprovado para publicação em abril de 2003.

* O presente texto contou com o apoio do CNPq e sem o qual não seria o mesmo.

** Psiquiatra, psicanalista e psicólogo, Doutor em Psicologia pela Universidade de Louvain, Professor dos cursos de graduação e de Pós-graduação em Psicologia da UnB. e-mail: fmartins@unb.br.

Segredos confiados expressamente e tidos como tais pelos indivíduos, mas igualmente segredos liberados, sem que eles desconfiem nem consigam medir a importância ou o risco, segredos ingênua ou impensadamente revelados, segredos que atingem os próprios indivíduos em sua intimidade, ou segredos referentes a outras pessoas e dos quais eles não podem mais sustentar sozinhos o peso, a opressão, a tortura ou a vergonha. Tornar-se o portador de um segredo pode lisonjear, certamente, pois isso oferece o sentimento de ser escolhido, eleito e distinguido do comum entre os mortais que o ignoram – mas pode também pesar, embaraçar, dividir aquele que se encontra surpreendido, visado, perseguido. Nossa prática prende-se à continuação da prática secular da medicina de Hipócrates, conjuntamente com aquela dos pastores, dos padres e confessores, assim como aquela de altos secretários dos príncipes desse mundo... (Tradução nossa)

A clínica que qualifica o segredo se vê diante de um círculo vicioso: confiar/comprometer-se, caso não seja elaborada esta oposição por arte terapêutica e, via de regra, por coragem do paciente. Assim, confiança, compromisso, são expressões do “ser-com-outro” (*Mitsein*) que possibilita ocorrerem cuidado, esperança e cura. Como é sabido, o campo psicoterapêutico moderno foi criado no esteio da obra de Freud. Antes, boa parte das curas se executavam e, ainda hoje se executam aos auspícios da religião, coisa que continua a ocorrer no nosso cotidiano brasileiro, como a afirmar a importância e anterioridade da terapia prática antes do surgimento de teorias científicas no campo clínico. Foi necessário mais do que isso para criar o campo psicoterapêutico moderno. Só para citar um exemplo maior a este respeito: Freud e a regra de associação livre. Apontemos uma citação de Freud (1938, p. 201) que vale *per se*:

Mas há uma grande diferença, porque o que desejamos ouvir de nosso paciente não é apenas o que ele sabe e esconde de outras pessoas; ele deve dizer-nos também o que não sabe. Com este fim em vista, fornecemos-lhe uma definição mais detalhada do que queremos dizer com sinceridade. Fazemo-lo comprometer-se a obedecer a regra fundamental da análise, que dali em diante deverá dirigir o seu comportamento para conosco.

Percebemos que a promessa do paciente em participar da atividade terapêutica é condição *sine qua non* para a instalação do trabalho. Evidentemente, existem terapias nas quais o terapeuta aplica uma técnica que não exige outro comprometimento além da submissão. Pensamos aqui em terapias de cunho estritamente moral, onde aquele que recebe instruções e orientações desempenha um papel eminentemente passivo. Outro tipo de terapia é a não psíquica, que se relaciona à medicina e à psiquiatria, na qual, por exemplo, é prescrito uma determinada tarefa ou medicamento. As soluções encontradas em bom número de terapias modernas – incluem aqui não somente Freud, mas também Jung, Rogers, Reich e a Análise Existencial, assim como práticas holísticas e um sem número de outras terapias – não necessitam do tecnicismo. Fica claro que inclusive as técnicas “tipo engenharia”, que fazem uma reivindicação científica positiva estrita, não escapam também à promessa. Afinal, a ciência nos faz promessas, mesmo que sejam mais limitadas que outras. O charlatão não tem o menor cuidado no que promete, toma uma posição de total desconhecimento do que deveria professar, em função de um ganho. A questão da promessa é, então, algo não só pertencente ao reino das práticas terapêuticas, mas pertencente ao universo do humano em geral.

Que diferença daqueles que tudo prometem e dos nossos alunos e profissionais que se angustiam e se preocupam com as limitações das nossas possibilidades de trabalho, diante da existência de questões de ordem bem maior que a nossa vã ciência! Não é assim que todo bom supervisor começa indicando para seus iniciantes: “Atenção com o que você promete!” Não deveria esta ser a primeira e grande sugestão de início de todo e qualquer supervisor?

Caso verifiquemos a intensidade dos desejos e do envolvimento das promessas e atos compromissivos na fala comum de todos os dias, ficaremos surpresos de ver o quanto somos seres de linguagem e que emergimos na linguagem. As promessas não são somente explícitas, realizadas com um verbo promissivo como prometer, jurar que vai fazer, obrigar-se a, comprometer-se. Elas são implícitas. Um exemplo salutar é aquele de um livro *best seller* para o público infantil, acerca de um filhote de tigre que vai de animal em animal, perguntando “na bucha”: “Você é o meu pai?”. Depois de um périplo longo e sinuoso, encontrando pais de todos os outros tipos de bichos, eis que o pequeno tigre se joga nos braços, para não dizer nas garras, do seu pai, que lhe diz: “sim, sou teu pai e estava te procurando. Por onde você andou?”. A questão da paternidade, tão importante na clínica em geral, se vê aí imbricada com atos implícitos de promessas que um pai se vê em posição de arcar ao longo da vida.

PROMESSA E SIMBÓLICO PLENO

Um homem que diz: “sou teu pai” e arca com os fatos frontais e colaterais implícitos deste ato de fala, compreende plenamente o que é o simbólico. Mas esta compreensão, sentida na própria carne, foi estudada por outros teóricos como Piaget (1964), que mostrava o engendramento progressivo da linguagem com a lógica. Mais recentemente, as indicações de Wittgenstein (1953) e as elaborações de Austin (1975) e Searle (1969), propuseram uma taxonomia de atos de linguagem que mostram a sua complexidade. O Quadro 1 visa resumir eixos de atos de linguagem da teoria de Searle, para nos centrarmos somente na questão que aqui interessa: o ato de prometer em terapia.

Por meio das características da classe dos atos promissivos, função performativa universal da linguagem humana, a fala revela uma propriedade essencial: não apenas comenta ou descreve a realidade, mas, obviamente, é determinada por ela e, reciprocamente, a modifica. A possibilidade de poder fazer promessas, juramentos, votos, e assumir obrigações, guarda íntima relação com o estar em dívida, com o estabelecimento de aliança, de laço social, de contrato. O ato de prometer, como ato de linguagem, tem mais especificidades que gostaríamos de apontar. Trata-se de um ato de linguagem bastante específico que envolve todos os atos, nele o falante “promete ou, de alguma maneira, assume alguma coisa” ou ainda “faz a pessoa se engajar a fazer alguma coisa”. O verbo “prometer”, em português, deriva do latim *promittere* e de seus significados principais de “atirar ao longe, mandar à frente, fazer ir à frente” (Machado, 1977), e “fazer esperar, fazer promessas”

Quadro 1
Taxonomia dos atos de fala de Searle (1995)

Tipo de ato	Definição	Exemplos
Assertivos	tem o propósito de comprometer o falante com o fato de algo ser verdadeiro, com a verdade da proposição expressa; avaliável em termos de verdadeiro ou falso	afirmar, concluir, deduzir, gabar-se
Diretivos	tentativas (em graus variados) de levar o ouvinte a fazer algo	pedir, ordenar, mandar, suplicar, rogar, desafiar, aconselhar
Compromissivos	tem o propósito de comprometer o falante à alguma linha de ação futura	prometer, jurar, comprometer-se, obrigar-se a
Expressivos	tem o propósito de expressar um estado psicológico	agradecer, congratular, desculpar-se, dar as boas vindas
Declarações	o estado de coisas representado na proposição é realizado ou feito existir pelo dispositivo indicador de força ilocucionária	eu renuncio, você está demitido, batizo este navio, etc.

(Morais Silva, 1955). Esta dimensão do sentido original latino, que implica um movimento numa certa direção, sofre nas principais línguas latinas (Nash, 1968) uma transformação de valor espacial para valor temporal de referência ao futuro, precisamente, as ações futuras, envolvendo o “executar alguma coisa de antemão anunciada” (Silveira Bueno, 1968). O ato de *se* prometer, por intermédio da partícula apassivadora “se”, acentua o auto-engajamento.

Astington (1988) afirma, mais ainda, que esta propriedade particular de um verbo ou expressão verbal de “comprometer o falante com alguma linha de ação futura” é suposta como presente em todas as línguas vivas e primitivas com formas idiomáticas particulares. Quando um sujeito faz uma “promessa” (português) ou *promise* (inglês) ou *Versprechen* (alemão), está utilizando uma das funções principais da linguagem falada, dentro daquelas que podem ser realizadas de forma plena exclusivamente por meio de palavras.

Mais do que uma palavra vazia, Freud exige um engajamento pessoal com o analista, para que haja engajamento no trabalho a ser feito em conjunto. Daí pensarmos em um ato do analisando do qual o analista avalia o efeito perlocucionário, fato que ultrapassa muito a etimologia da palavra. Este ato em que o analisando faz uma promessa, condição de início de trabalho da cura do tipo específico da psicanálise, não é um ato ilocucionário performativo qualquer. Podemos ser bem mais específicos. Trata-se sempre de um *speech act* que pertence e tão somente à categoria dos atos “compromissivos”.

É justamente a possibilidade de uso da linguagem falada para a modificação da “realidade psíquica” de seus pacientes, por meio de uma relação de trabalho que tem origem num contrato ou aliança terapêutica que interessa ao psicoterapeuta, particularmen-

te na teoria psicanalítica e nas psicoterapias psicodinâmicas, em geral. A concepção da linguagem como estando estreitamente imbricada com a constituição da realidade foi sublinhada por Freud (1915), ao distinguir *Wirklichkeit* (realidade efetiva concreta) e *psychischer Realität* (realidade psíquica). Com efeito, nas neuroses e psicoses, trata-se sempre de um problema de realidade psíquica, isto é, da realidade que o psiquismo constrói e à qual temos acesso pela linguagem. Na metapsicologia freudiana (Freud, 1915), a linguagem pertence ao sistema pré-consciente (representações-palavras) e consciente (representações-objeto), enquanto o inconsciente é constituído por representações-coisa. Os atos promissivos estão aí inteiramente imbricados no psiquismo do analisando em trabalho de análise e no projeto freudiano de restituição da saúde (*Heilungsplan*) dos seus pacientes.

Fechamos um contrato um com o outro (*Wir schliessen ein Vertrag miteinander*). O Eu enfermo nos promete com toda sinceridade (*vollste Aufrichtigkeit*), isto é, promete colocar à nossa disposição (*die Verfügung*) todo o material que a sua autopercepção lhe fornece (*Selbstwahrnehmung liefert*); garantimos-lhe a mais severa discrição (*strengste Diskretion*) e colocamos a seu serviço a nossa experiência (*Erfahrung*) em interpretar material influenciado pelo Inconsciente. Nosso conhecimento destina-se a reparar sua ignorância (*sein unwissen gutmachen*) e a devolver a seu Eu o domínio de regiões perdidas de sua vida anímica (*Seelenleben*). Nesse contrato (*Vertrag*) se constitui a situação analítica. (Freud, 1938, p. 200)¹

A leitura geral do trecho acima afirma que o compromisso é essencial para o desenrolar da psicanálise, como forma de tratamento. Porém, para que o compromisso se instale, é necessário, antes de mais nada, que o analisando seja livre para escolher o terapeuta e a terapia em que deseja se engajar. Esta pressuposição evidencia que a psicanálise não é uma terapia que se “aplica” em alguém, à qual “alguém vai se submeter”. Pressupõe, portanto, o exercício da cidadania, da livre escolha. Esta implica em compromissos entre analisando e analista, o que resulta em um contrato (*Vertrag*). Este último pode ser analisado em termos de atos de linguagem que se realizam. Na citação, Freud utiliza e explicita alguns destes atos. Como seja: “O Eu enfermo [do paciente] ‘nos promete’ com toda sinceridade”.

Prometer significa: entrar no trabalho e desenvolvê-lo dentro da convenção. Também atribui, implicitamente, lugares para o analista e o analisando. Por conseguinte, coloca o analisando, logo de saída, dentro de um ato no qual o “Eu” deve assumir, na primeira pessoa do indicativo, que irá se comportar de acordo com aquilo que é necessário para o trabalho analítico chegar a bom termo. Mas colocar no centro do contrato terapêutico o núcleo essencial do funcionamento simbólico humano, não deixa de ser altamente criativo. Ou seja, desde o seu início, não há como escapar da existência de regra simbólica, esta que se instala entre os quatro e seis anos de idade de maneira definitiva, conforme são congruentes os dados não só psicanalíticos, mas também da psicologia genética e aqueles de Astington, já referidos.

¹ Pelo fato de que a tradução oficial em português deixa a desejar, nós a modificamos, anexando, entre parênteses, alguns termos do original alemão.

PROMESSA E LEI

Podemos nos interrogar sobre os posicionamentos que os nossos pacientes e nós mesmos nos colocamos, diante da atividade de terapia e, em especial, com relação ao contrato. Tentemos clarear alguns desses posicionamentos, não sem antes assinalar que o contrato, via de regra, se faz dentro de uma situação de sofrimento e de queixa, marcada por quatro verbos principais que apontam atividades especificamente humanas. Elas estão explicitadas no Quadro 2 e correspondem ao que viemos desenvolvendo em outros textos de psicopatologia, nos quais as timopatias (incluindo aqui as melancolias, as manias e as distimias), as perversões, as neuroses e as psicoses (incluindo aqui as esquizofrenias, a paranóia e a catatonía) são expressões maiores de destinos sofridos, articulados com quatro atividades especificamente humanas, ou seja, com critérios próprios do psiquismo daquele que procura terapia e não critérios externos: gozar, amar, trabalhar e comunicar por meio de símbolos.

Quadro 2
Verbos de atividades (humanas) e nosografia clássica

Timopatia	Perversão	Neurose	Psicose
Gozar	Amar	Trabalhar	Comunicar

Temos tentado apontar que estas correlações não são estanques, ou seja, aquilo que é timopatia, perversão, neurose e psicose se apresenta de forma discreta e em pequenas doses em todos os seres humanos e atividades. Poderíamos, então, propor que existem posições que um sujeito se vê tomando na feitura de sua humanidade. Para cristalizar-se em um posicionamento perverso, será necessário, em relação aos quatro verbos, que o sujeito seja da maneira que está expressa no Momento 2, no esquema a seguir, ou seja, alguém que, em ato, realiza a pulsionalidade. Por exemplo: “Amo o outro como me amo”, “Gozo, desconhecendo o outro e a lei”, “Trabalho isso para mim”, “Comunico, desconhecendo o outro e o Outro”. Os outros posicionamentos estão apontados no esquema mostrado no Quadro 3, que evidencia a existência de uma estruturação fina e mutante de um ser humano para outro, tornando as possibilidades quase infinitas de combinações.

Antes de completar a exposição, gostaríamos de retornar ao tema original e principal do presente artigo, procurando apontar as posições diferentes que emergem nesses sujeitos T ou Momento 1, Pv ou Momento 2, N ou Momento 3 e P ou Momento 4. Um sujeito em Momento 2, com relação ao engajamento no processo terapêutico, tenderá a se posicionar segundo um modo que busca o contrato de forma que o outro seja tomado como um cúmplice e que, caso o terapeuta seja identificado com a lei, poderá sofrer a situação clássica que é representada por alguém que desconhece a promessa, dizendo: “Eu sei, mas mesmo assim ...”, continuarei no Momento descrito como 2. As agruras das per-

Quadro 3
Posicionamentos ou momentos do sujeito, com relação aos verbos
gozar, amar, trabalhar e comunicar com símbolos

T como Momento 1	Gozo Amo-me Isso me trabalha Rompo com o comunicar desconhecendo a mim, o outro e Outro		Radicalização do EU em direção ao narcisismo	
Pv como Momento 2	Amo o outro como me amo Gozo desconhecendo o outro, a lei Trabalho isso para mim Comunico desconhecendo o outro e Outro	Psiconeuroses Transfereciais □	Radicalização do objeto que coincide com sujeito	Psiconeuroses Narcísicas □
N como Momento 3	Trabalho o mundo me desconhecendo Amo a mim como disfarce Gozo, desconhecendo que renuncio Comunico desconhecendo a mim e Outro		Radicalização do objeto como desejo	
P como Momento 4	Rompo com comunicar transforman- do a mim e outro; o Outro me realiza Trabalho a mim mesmo Amo meu Eu Gozo desconsiderando a realidade e modificando-a		Radicalização do EU em direção ao narcisismo	

versões em ato, em psicoterapia, podem ser exemplificadas por aquele cliente que nos diz, tal como Guignol, o boneco mamulengo francês: “Empreste-me esse dinheiro. Pagar-lhe-ei amanhã”. Ou seja, vem a primeira consulta e diz que pagará na próxima vez. Logo que o terapeuta pergunta se pode dispor do dinheiro, ele diz: “Para quando lhe prometi pagar?” “Para amanhã”. “Então, amanhã lhe pagarei”, responde, fazendo um chiste que corresponde a seu modo de estar pulsional no mundo e que problematiza a sua vida e a dos outros. Fica evidente a grave dificuldade, em relação ao ato de prometer. Trata-se de um modo sonso ou cínico de prometer que necessitaria ser perlaborado em terapia e que encontra suas raízes na pequena infância e em situações intersubjetivas que ultrapassam muito o seu querer, tanto na sua infância como no querer atual.

Efetivamente, os hipercomprometidos, como vemos nas melancolias são sujeitos tão nostálgicos que vivem chorando o passado e se auto-aplicando de forma agressiva a regra, a ponto de se mutilar pela importância do seu ideal. Já os maníacos fazem uma saída do tipo “fuga para frente”, acelerada, da situação de perda impossível de reparação. Outrossim, os que não podem se comprometer, tal como vemos nas psicoses, adquirirão um

modo de oposição se auto-engrandecendo na paranóia ou multiplicando o próprio Eu em mil, na esquizofrenia) se colocam em um Momento quase permanente de rejeição (em ato) à regra que os colocaria como um comum dos mortais. Nas psicoses (esquizofrenia, paranóia) ocorre de eles serem acachapados, de tal modo que só lhes resta a rejeição da lei com auto-engrandecimento narcísico, inflando-se (paranóia) e fragmentando o seu próprio “Eu” na esquizofrenia. Já nas melancolias e manias, os que sofrem de nostalgia, submetem-se à lei e também se regozijam pela morte do tirano que fez a lei.

Como vemos, o narcisismo extremo é sempre prejudicial à aderência à regra e a uma efetiva entrada em terapia como o comum dos cidadãos. Evidentemente, estas formulações que aqui fazemos são mais de natureza lógica e tentam apontar para a fluidez e a multiplicidade da vida psíquica. Colocá-las em uma divisão geral, entre os comprometidos e os não-comprometidos, é somente algo didático, pois existe aí dinamismo com as mais diversas oscilações. Pois é difícil compreender a multidão de excluídos da sociedade, pessoas sem cidadania e, portanto, sem grande poder de realizar atos de promessa felizes, sem que haja prejuízos maiores para sua subsistência, mas que ainda assim praticam atos de promessa não se incluindo portanto totalmente em nenhuma das categorias estruturais apontadas. De toda maneira, pertencer à sociedade implica entrar no regime da reciprocidade, coisa que possibilitará até aos menos favorecidos tentar seus caminhos.

Quadro 4
Prometer em relação à clínica clássica e à transferência.

	Ser	Ter (será)	Ter (a ser)	Ser
Plano narcísico	narcisismo primário	narcisismo secundário	narcisismo primário	narcisismo primário
	↓	Transferência	Transferência	↓
Plano transferencial	Simbiose, amor fusional originário	Cumplicidade	Associação	Oposição, alteridade completa
Estruturação essencial	Timopatias	Perversões	Neuroses	Psicoses
Problematização do prometer	Estou tão autocomprometido que não tenho como mais prometer	“Prometo, mas mesmo assim...”	Prometo e me associando, renunciando ao meu desejo	“Nunca prometi nem lhe pedi nada”

Levar as pessoas a estabelecer atos de comprometimento não é, portanto, fácil, principalmente quando adotam posturas do tipo 1 e 4. Coisa bem diferente de um neurótico que, após a primeira consulta, passa a noite sem dormir. Ao retornar, informa-nos

como a terapia virou sintoma para ele, pois já estava com medo de esquecer de trazer o pagamento e de ser mal visto pelo terapeuta. O homem preocupado, marca da neurose obsessiva ou da neurose de autocoação, pode ser aí distinguido. Ele constitui um bom número daqueles que mais sofrem por se comprometerem de uma forma automutiladora dos próprios desejos que desconhecem. De toda maneira, ocorrem na clínica fenômenos de promessa articulados com aquilo que foi chamado classicamente de transferência.

Nosso propósito aqui foi somente demonstrar a complexidade e a responsabilidade do campo que trabalhamos como clínicos. Pedimos ao leitor para analisar os quadros-resumos *cum grano salis*, ou seja, somente como direções gerais de entendimento. Se o presente texto servir de prolegômeno para críticas e para pensar a clínica psicoterapêutica diária, sentir-me-ia um homem feliz por ter dado continuidade à promessa de meus mestres e pais, na construção de um ideal comum.

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze relationships between the act of promising and the clinical field through observations concerning some clinical structures. Initially, it shows that promise belongs to the most global human universe. Then it goes on to demonstrate that promising is present in an implicit or explicit way in daily clinic activity through the therapeutic contract. Different positions concerning the act of promising are pinpointed and analyzed in correlation with the psychopathological clinic.

Key words: Psychotherapy; Speech acts; Promise; Therapeutic contract.

Referências bibliográficas

- ASTINGTON, Janet W. Children's production of commissive speech acts. In: **Journal of Child Language**. n. 15, p. 411-423, 1988.
- AUSTIN, John L. **How to do things with words**. 2. ed. Oxford: Clarendon Press, 1958.
- BUENO, Francisco da Silveira. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 1966.
- FREUD, S. **Esboço de psicanálise**. (1940[1938]), ESB, XXIII.
- FREUD, S. **O inconsciente**. (1915) ESB, São Paulo, v. XIV.
- MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 3. ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1977.
- NASH, Rose. **Multilingual Lexicon of Linguistics and Philology**. Coral Gables: University of Miami Press, 1968.
- PIAGET, Jean. **La formation du symbole chez l'enfant**. 2. ed. Genève: Delachaux et Niestlé, 1964.
- SEARLE, J. R. **Speech acts**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.
- SEARLE, J. **Expressão e significado**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SILVA, Antonio de Moraes. **Grande dicionário etimológico da língua portuguesa**. v. VIII. 10. ed. Lisboa: Confluência, 1955.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Philosophische Untersuchungen**. Oxford: Blackwell, 1953.